

Conclusão

Através da presente pesquisa esperamos ter demonstrado o que nos propusemos no início deste trabalho, ou seja, a forte presença do individualismo na sociedade contemporânea, estendendo seu alcance também ao ambiente religioso, cristão ou não; a adesão em massa, por parte dos freqüentadores das igrejas e comunidades religiosas de um estilo de vida individualista; os significativos danos, do ponto de vista individual e coletivo, oriundos de uma tal adesão; o enfraquecimento dos vínculos comunitários, tanto nas relações humanas chamadas seculares bem como nas comunidades religiosas; a geração, em função de tal individualismo – entre outros fatores importantes – de uma espiritualidade auto-centrada e dissociada da experiência comunitária; a reunião dos estímulos seculares, de caráter individualista e materialista, com a perspectiva auto-centrada dos fiéis das igrejas, como uma das grandes fomentadoras do êxodo das comunidades religiosas institucionalmente estabelecidas; a formação da crença, cosmo-visão e espiritualidade estruturadas a partir do indivíduo somente, independente de quaisquer referências religiosas institucionais ou autoridade eclesial e a convicção de que, diante de tamanhos desafios, faz-se absolutamente necessário que as instituições religiosas, protestantes ou católicas romanas, considerem a relevância de tais elementos no seio cristão, e posicionem-se de maneira consciente e conseqüente diante deles, ou seja, reestruturem, ainda que parcialmente, seu modo de proferir sua mensagem salvífica, sua vocação evangelizadora e procurem adequar-se diante das diversificadas ofertas e elementos que configuram a sociedade contemporânea, elementos estes que, como vimos, não favorecem minimamente o vínculo de pertença a uma instituição religiosa, a experiência comunitária, e a validação de valores apregoados pela igreja cristã.

Inicialmente apresentamos os aspectos centrais que estruturam a pós-modernidade. Para isso, utilizamos o teólogo José Maria Mardones, através de sua crítica à cultura, mercantilização da vida e a lembrança a respeito da indispensabilidade do valor e dignidade da pessoa humana inserida em qualquer contexto; como em relações de trabalho, pessoais ou no âmbito cristão.

Ainda nos referindo aos elementos que estruturam a pós-modernidade utilizamos também o filósofo Gilles Lipovetsky, que destaca, por exemplo, que a influência das figuras de autoridade – religiosas ou não – outrora atuantes, agora não mais o são. Lipovetsky ressalta também que, atualmente, qualquer aspecto que estimule o indivíduo – abertamente – ao cumprimento de qualquer tipo de dever, terá grandes chances de fracassar, pois a sociedade pós-moderna tornou-se o que ele chama de a “sociedade pós-moralista”, avessa ao cumprimento de normas e deveres e pouco sensível à aspectos puramente éticos. Essa mesma sociedade concentra-se em si mesma, ou, mais precisamente, cada indivíduo dedicando-se a si mesmo, na busca de seus ideais, desejos, sonhos individualistas, realização dos próprios prazeres, e pouquíssimo espaço para pensar na coletividade que faz parte e que, muitas vezes, é a grande impedidora da realização de seus próprios projetos individuais.

No que tange, mais especificamente, à pós-modernidade religiosa, utilizamos o auxílio e perspectiva da sociologia da religião, primordialmente através da obra de Danièle Hervieu-Léger chamada *O peregrino e o Convertido*. Esta obra nos ajudou a identificar – ainda que fale a partir de uma realidade européia, mais precisamente francesa – inúmeros elementos que configuram essa pós-modernidade religiosa, presentes na maior parte da Europa, contudo, como estamos comprovadamente em um mundo globalizado, presentes também em nossa realidade sul-americana. Danièle nos ajudou a entender, dentro de nossas igrejas latinas, diversos aspectos já identificados, comumente contrários a valores cristãos, mas não plenamente compreendidos pelas autoridades religiosas. Os aspectos que mencionamos referentes ao trânsito religioso contemporâneo, as dificuldades relativas aos vínculos de pertença e as figuras do peregrino e convertido, tão comuns atualmente, foram, indubitavelmente, contribuições de Danièle.

Utilizamos também, para melhor compreensão da pós-modernidade religiosa o autor Joseph Moingt. Moingt rememora-nos as significativas transformações que estão passando as crenças contemporâneas, agora moldadas segundo padrões subjetivos e que vão ao encontro dos desejos dos próprios crentes, suas

aspirações pessoais; trata-se, de fato, de uma crença ou “fé” moldada por si mesmo, independente de qualquer referência extrínseca ao indivíduo.

Após a análise relativa aos elementos que configuram a pós-modernidade, com especial destaque à formação e expansão do individualismo, apresentamos a proposta personalista do filósofo cristão Emmanuel Mounier. Mounier posiciona-se claramente contra qualquer manifestação individualista ou oriunda do que chamava de “um espírito individualista”, seja no plano individual ou coletivo. Para ele, o ser humano que encerrava-se em seu eu jamais encontraria a si mesmo, visto que, a formação do próprio “eu” dar-se-ia somente no encontro com um outro, na formação de um “nós”.

Mounier, muitas vezes, para afirmar suas idéias, utilizava figuras e elementos clássicos do cristianismo. Referiu-se à figura da Santíssima Trindade afirmando que o Deus que a formava não é um Deus solitário e impessoal, mas que comunga com as outras duas pessoas da trindade e, concomitantemente, demonstra-se sensível e próximo à sua criação. Salientou também a singularidade e liberdade da pessoa, criada à imagem de Deus para viver junto e com seus próximos e conectada a seu Criador. Jesus Cristo, talvez, seja o elemento cristão de maior destaque utilizado pelo filósofo, na medida em que o reconhece claramente como o Filho de Deus, redentor e salvador da humanidade, portador da graça de Deus.

O filósofo personalista afirmou a indispensabilidade da experiência comunitária e solidária, o que, conseqüentemente, significava a rejeição absoluta de qualquer postura, prática, sistema, pensamento, filosofia ou engajamento que não contemplasse pelo menos dois aspectos fundamentais: a singularidade da pessoa e o fato dela fazer parte de uma coletividade. Ambos aspectos, em sua visão, são indissociáveis. Para ele, é impossível alguém se realizar como pessoa se somente o fizer voltado para si mesmo, assim como é impossível a realização de uma comunidade salutar se a mesma não contemplar o rosto dos que a formam.

A parte final de nossa pesquisa pautou-se no aspecto comunitário da teologia de Karl Barth. Assim o fizemos dando continuidade aos aspectos já mencionados da

filosofia personalista de Emmanuel Mounier, entretanto, salientando e ampliando os aspectos concernentes ao cristianismo através da abordagem antropológico-teológica do teólogo Karl Barth.

Barth apresenta como referência à vida humana, vivida de maneira realmente humana, a pessoa de Jesus Cristo. Este, portou-se de tal maneira que realmente reuniu em si mesmo os dois aspectos indispensáveis à vida do ser humano – apontados por Mounier e ressaltados teologicamente por Karl Barth: o viver com e junto a outros seres humanos, fraternalmente, se preocupando uns com os outros, ofertando de si mesmos; e o viver próxima e intimamente com Deus, gerando uma espiritualidade fecunda, que não se contenta nem se realiza em si mesma, mas, ao contrário, transbordando dessa experiência, se espraia na direção do outro. Nessas duas direções Barth nos apresenta Jesus Cristo: na direção do ser humano, criação divina e na direção do próprio Deus.

Barth, em sua obra mais extensa, *Dogmatique*, discorre a respeito da semelhança entre a humanidade de Jesus Cristo e a nossa humanidade. Isso demonstra que, ainda que não possamos nem devamos nos comparar a Jesus, ainda assim possuímos a capacidade de, assim como ele, mantermos nossa dupla capacidade humana: a capacidade de nos envolvermos de maneira fecunda com outros seres humanos, seres como nós, criaturas divinas; e a capacidade de respondermos continuamente ao sim divino que nos interpela.

Por isso, como demonstramos, a reflexão barthiana propõe uma antropologia teológica que acentue a importância do que denomina de “co-humanidade solidária”. A mesma, trata-se de uma capacidade peculiar do ser humano – criatura feita à imagem e semelhança de Deus – e comportamento encontrado nas atitudes, postura e obras de Jesus Cristo, algo que podemos verificar ao longo de sua história entre os homens.

A maneira pela qual Barth concebe o cumprimento dos mandamentos, ou seja, interpretando-os como atos que refletem o amor que temos por Deus, é outro aspecto interessante da abordagem antropológico-teológica de Barth que

destacaremos. O teólogo visualiza no cumprimento dos mandamentos, destacando o mandamento de amar ao próximo, uma manifestação de nosso amor a Deus.

Amar ao próximo, segundo Barth, faz parte de uma inquietação ético-prática que acompanha a vida do cristão. Por isso, destaca que o labor teológico não deve voltar-se somente ao estudo e à literatura bíblica com fins individuais, mas encontrar, também nessas atividades, seu caráter de serviço. O sentido do telos teológico deve ser realizado visando outrem e permeado pelo amor em sua realização.

Barth, baseado na semelhança existente entre a nossa humanidade e a de Jesus, julga que todo ser humano que mantiver sua vida reclusa, fechada em si mesma, distante da comunidade humana possui uma existência contrária a sua humanidade, uma existência chamada pelo teólogo de inumana, pois desonra sua imagem de Deus.

O aspecto relacional da palavra Filho aplicada a Jesus Cristo foi o último elemento que destacamos nesta dissertação. Assim o fizemos através do atual Papa Joseph Ratzinger em sua obra *Introdução ao Cristianismo*. Jesus, sendo Filho, evidentemente anuncia um segundo ser, o Pai, o que testemunha uma relação. Tal relação entre Pai e Filho – que poderia ser concebida somente em si mesma – é interpretada por Ratzinger, baseado no texto bíblico de João, como um convite e um ensinamento do que realmente representa ser cristão: ser com, estar junto, viver em relação, assim como o Pai e o Filho vivem, entre si e o Espírito Santo e entre nós.

Esperamos que os aspectos destacados por essa pesquisa, tanto os que se referem à compreensão da pós-modernidade, às novas configurações da realidade religiosa contemporânea, ao crescente individualismo presente em nossas sociedades, bem como as possíveis sugestões dadas pelo antigo – embora ainda atual – personalismo de Emanuel Mounier, e a reflexão teológico-comunitária de Karl Barth possam, de fato, oferecer indícios mínimos para a configuração de uma nova religiosidade e uma nova espiritualidade, pautadas não somente no indivíduo

em si, mas também, necessariamente, na comunidade que faz parte, a comunidade humana.

Talvez as palavras de alguns dos filósofos que utilizamos nesta pesquisa possam nos servir como estímulo e alento na tentativa dessa nova configuração da paisagem religiosa contemporânea. Palavras como as de Lipovetsky – citadas aqui de maneira não literal – lembrando-nos a respeito do valor do que ele denomina de ética dialogada, marcada pela responsabilidade, visando alcançar uma medida justa entre eficácia e equidade, lucros e dividendos dos assalariados, respeito ao indivíduo e ao bem comum, uma ética promotora da justiça social eficaz e respeitosa em relação à condição humana.

Também as palavras de Lévinas possam nos oferecer ânimo e coragem nessa tentativa de configurar um nova e saudável religiosidade. As palavras a que nos referimos – também aqui citadas de maneira não literal – nos encorajam, assim como nos encoraja Jesus através de sua obra e história, a renunciarmos à nossa recorrente necessidade de sermos testemunhas de nossa obra. Lévinas nos encoraja a um engajamento que de fato permita o desenvolvimento de um triunfo em um futuro sem nós. Ousarmos a doação de nós mesmos, assim como fez Jesus e outras grandes figuras do cristianismo, por oferta pura de nós mesmos, trabalhar neste mundo sem a exigência de nossa própria presença física, trabalhar em prol de um tempo sem nós, para a concretização de um tempo melhor.